

8 NOV 1989

Abençoado segundo turno



Qualquer que seja a qualidade do enterro da aventureira candidatura de Sílvio Santos, uma coisa é certa: ela produziu um desastre irreparável na transição democrática, enodoando a campanha para a eleição do próximo dia 15 de mancha que resiste ao mais corrosivo detergente.

O mal tem as suas graduações, como sabem os patuscos evangélicos do pastor Corrêa e os franciscanos do *é recebendo que se dá* do vice Linhares e do emérito cafageste que se revelou como incomparável articulador de falcatruas presidenciais.

Claro que, a esta altura, a saída menos traumática está confiada ao Tribunal Superior Eleitoral e todas as probabilidades, sustentadas pela evidência das trapaças manipuladas nos esconsos de legislação casuística e incompetente, apontam para rejeição, na sessão de amanhã, do registro da candidatura golpista.

Ainda assim, parte do desarranjo não teria conserto. O eleitorado presumível do candidato da gangue de espertalhões que pretende pungear a presidência dificilmente absorverá a informação de que o homem do baú foi expelido ou se conformará com a operação de limpeza. Um percentual de votos, que não pode ser estimado em avaliação palpadeira, engrossará o frustrante índice dos votos nulos e em branco. Nulidade pelo equívoco do voto em candidato defenestrado ou pela teimosia do inconformismo.

Convém chamar a atenção para aspecto que pode inflar de importância: na medida em que cresce o índice de votos brancos e nulos, baixa o número de votos necessários para atender a exigência da maioria absoluta. Transparente e óbvio. Maioria absoluta é mais da metade dos votos válidos, *excluídos os brancos e nulos*. Para a análise das pesquisas e especialmente do prognóstico de véspera da eleição, o dado é essencial.

Em frente. Tão bom quando a recusa ao registro pelo TSE ou quase, só a renúncia espontânea ou induzida do famoso comunicador. Hipótese possível mas não se deve contar com ela, a julgar pelo deslumbramento que engessa seu sorriso em máscara de pele mais esticada que couro de cuíca. Mesmo a renúncia deixaria um gosto amargo em seus fanzocas, injuriados com as críticas a seu ídolo.

Como a candidatura é politicamente inviável e moralmente insustentável, a alternativa catastrófica seria desapertar para cima do pobre do eleitorado confuso e embaraçado, transferindo-lhe a responsabilidade de sepultá-la com a desclassificação no primeiro turno. Não seria prudente nem sério. Só a omissão acovardada e cúmplice do Congresso e o encolhimento de lideranças que andam em sumiço vexaminoso somada à decepção pelo

lavar das mãos do TSE, encurralariam o eleitorado contra a parede, impondo-lhe decisão para a qual ele não foi preparado nem devidamente esclarecido. De tal ângulo da ponte só se distingue o caos. Seria a bagunça instalada e a imprevisibilidade das conseqüências. Ou alguém acredita a sério que candidatura emergindo do monturo tem condições de enfrentar a crise que lateja nas dobras da hiperinflação e superar as restrições morais que a repelem?

Todos os caminhos são ruins, alguns piores do que os outros. Nenhum tranqüilizantemente satisfatório.

A campanha desandou, incorporando irremovível cota desestruturante. Mas nem tudo está perdido. É preciso um pouco da sorte que nos tem faltado para a arrumação da casa em desordem, tirando partido das artes do casuismo viradas pelo avesso. É hora de jogar olhando um pouco mais longe, pensando nas virtudes curativas e reparadoras do segundo turno.

Para chegar lá, urge adotar providências preliminares. Desentortando o primeiro turno, a seis dias das urnas. Driblando malandragens, saltando maroteiras e afirmando a tendência definida em todas as pesquisas da classificação de dois candidatos diferentes, representativos das vertentes distintas que assinalam as novas inclinações dominantes da sociedade. Para ficar na linguagem que todo mundo entende: um de centro e um de esquerda.

Com dois candidatos ideologicamente diferenciados, o segundo turno pegará fogo, esquecendo frustrações e salafrarices do roteiro da campanha para atirar o país numa explosão emocional que pode encerrar os seus riscos, mas que é a única saída possível.

Dois candidatos de centro pode ser o sonho dos radicais conservadores; dois de esquerda a ilusão oposta. Nenhuma delas ajudaria a acertar o país e a sacudir o eleitorado do estupor provocado pelos vigaristas da improvisação.

Não é apenas a eleição que necessita ser resgatada. Mas o fecho da transição que se prolonga nos acertos do futuro. Ora, com o quadro partidário em decomposição tão nauseante que se degrada na operação da sigla evangélica, a superação das lideranças, as contradições da Constituição parlamentarista e a posse do superpresidente de mais de 30 milhões de voto, o amanhã terá que ser recomposto, e com urgência. O que mais parece com o retrato da sociedade seria um governo de centro e uma oposição de esquerda ou o um governo de esquerda e a oposição conservadora. O resto viria depois, a seu tempo, sem demora.

Mas ao menos todos saberiam quem é quem, distinguindo a cara do governo e a verônica oposicionista. Que hoje se confundem em rostos deformados pelas plásticas em cascata, cabelos com as cores fingidas da tintura e a mentira alvar do blablablá abobado como papo de debilóide.